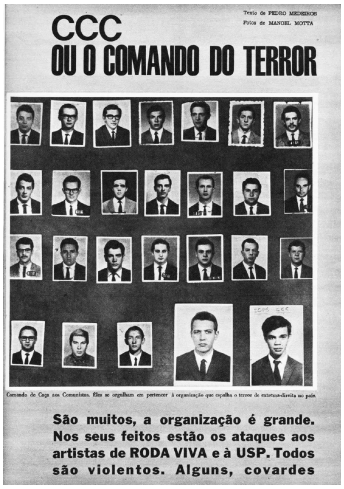
Reportagem da revista O Cruzeiro com Boris Casoy no CCC

Por *Publicado 24.10.2011*

Matéria da revista brasileira O Cruzeiro, de 9 de novembro de 1968, que denuncia integrantes de organização terrorista armada Comando de Caça aos Comunistas (CCC). Entre eles, o âncora da TV Bandeirantes



Texto de PEDRO MEDEIROS
Fotos de MANOEL MOTTA

CCC
OU O COMANDO DO TERROR

Comando de Caça aos Comunistas. Eles se orgulham em pertencer à organização que espalha o terror de extrema-direita no país

São muitos, a organização é grande. Nos seus feitos estão os ataques aos artistas de RODA VIVA e à USP. Todos são violentos. Alguns, covardes

ONDE O CCC SE ENCONTRA

A Cervejaria München, na Alamêda Santos, junto à Rua Augusta e à Avenida Paulista, vendeu menos chope no dia em que o capitão da Marinha americana, Charles Chandler, foi fuzilado a metralhadora à porta de sua casa em São Paulo. Quando deu meia-noite, o dono coçou o queixo ao ver que os barris continuavam cheios, e já se preparava para cerrar as portas, um pouco intrigado com a ausência de seus ruidosos fregueses de todo dia, quando afinal surgiu a explicação. Um dos jovens freqüentadores da cervejaria apareceu, com a fisionomia transtornada e olhos de espanto, para entrar em contato com a sua turma. Seus temores tinham um motivo muito sério. Depois de eliminar Chandler, instrutor de guerrilhas no Vietnã, o mesmo pelotão de execução terrorista poderia iniciar a caça aos membros do CCC, organização neonazista formada para acabar com o comunismo no Brasil.

Pela primeira vez, depois de se terem mostrado resolutos e seguros em suas ações de violência, como o massacre aos atôres de *Roda Viva* e a guerra fulminante contra os estudantes da Rua Maria Antônia, os caçadores de comunistas, que têm como símbolo uma pirâmide, sentiram tremer os alicerces de sua organização.

— Não temos mêdo de nada — afirma Milton Morais Zélio, um dos mais jovens colaboradores do Comando de Caça aos Comunistas.

Êle está sentado à minha frente, roda o copo vazio nas mãos, que me parecem um tanto trêmulas. Saímos do *Sandchurra*, na Galeria Metrópole, e vamos para os jardins da Biblioteca, onde êle me apresenta mais cinco companheiros, que estão sentados num banco, à nossa espera.

— Êsse é o jornalista de que falei. Êle quer ficar *por dentro* de uma série de coisas. Acho melhor consultar primeiro. Em todo caso, há informações que podemos dar tranqüilamente, pois não comprometem.

Todos concordam: "Não haverá problemas, depende do que a gente disser".

À medida em que êles vão me dando pormenores sôbre a organização, tento entrar nos assuntos confidenciais. Inùtilmente:

— "Sôbre essa história de preparação contra guerrilhas, eu nada posso afirmar. Não está ao meu alcance responder".

Eu insisto no assunto-tabu:

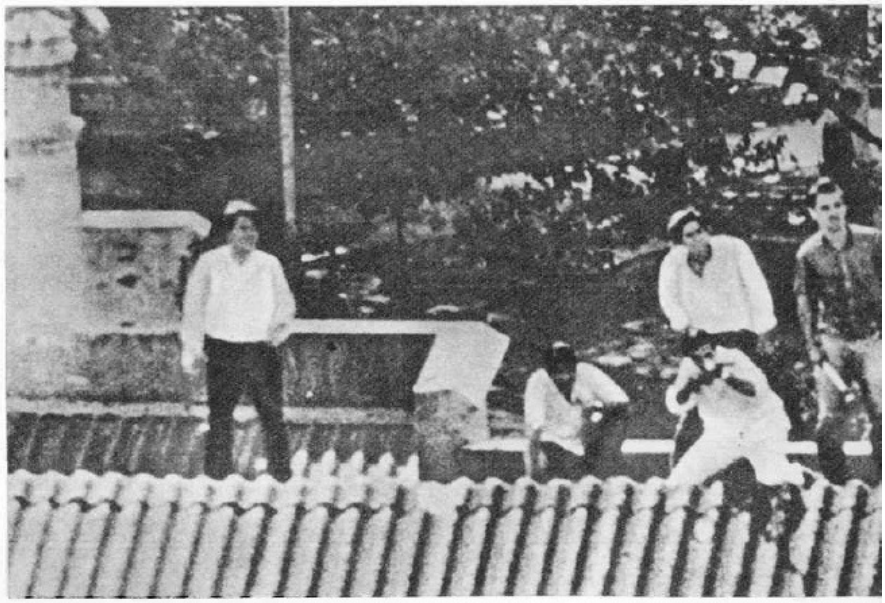
— Dizem que há uma fazenda a 400 quilômetros de São Paulo onde... Não chego a terminar a frase:

— Dizem, *né*... Mas ninguém prova nada.

— Dizem até que um fotógrafo documentou tudo, mas um CCC conseguiu roubar-lhe o filme.

— Eu duvido muito. Apresente-me êsse repórter. Você acha que se isso existisse *mesmo* (êle acrescenta um ar de malícia às suas palavras, parecendo que deliberadamente pretende deixar uma dúvida sôbre as próprias declarações e prossegue), alguém ia deixar alguém chegar por perto?

Começam então a contar histórias. Quando surgiu a organização, ninguém sabe ao certo. Nos tempos de Adhemar, alguns dos atuais membros já estavam em atividade e recebiam dinheiro do palácio. Foram aparecendo vários grupos dispersos, como a *Canalha* do Colégio Mackenzie, os *Matadores* do Largo de São Francisco, onde fica a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.



Os fuzis do CCC estiveram presentes na luta travada entre os estudantes do Mackenzie e USP.

Nós não temos mêdo de nada

— Êsses não eram de nada — comenta Zélio, fazendo blague. — Só matavam mesmo eram as aulas.

Um dia, êsses grupos dispersos descobriram que tinham idéias comuns e resolveram juntar-se. Nasceu assim o CCC.

Continuam a desfiar histórias, a maioria cheia de bravatas, destinadas a salientar a disposição de luta do CCC. Falam sôbre os valôres sérios que defendem e a essa altura assumem uma atitude circunspecta. E voltam aos episódios da vida do CCC. Há um que recordam com viva satisfação, e um visível sentimento de triunfo. É a história do membro do CCC que se vestiu de padre e conseguiu entrar em várias reuniões de ativistas, que êles chamam de *células comunistas*.

— Só numa semana o homem estêve presente a 12 dessas reuniões subversivas.

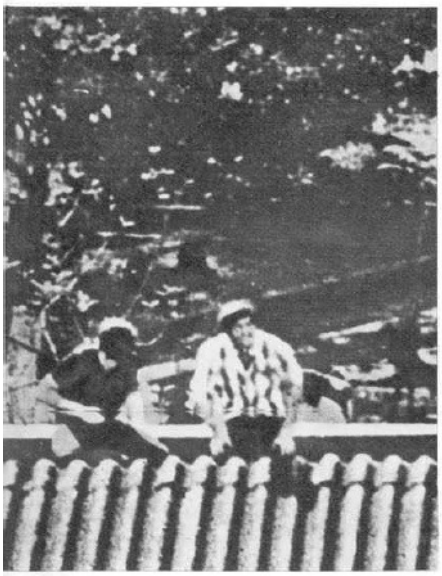
E repete, fingindo espanto, num tom fabricado para desfazer qualquer dúvida:

— Doze, nem uma nem duas. Doze, sabe lá o que é isso, *seu* môço? E numa semana apenas!

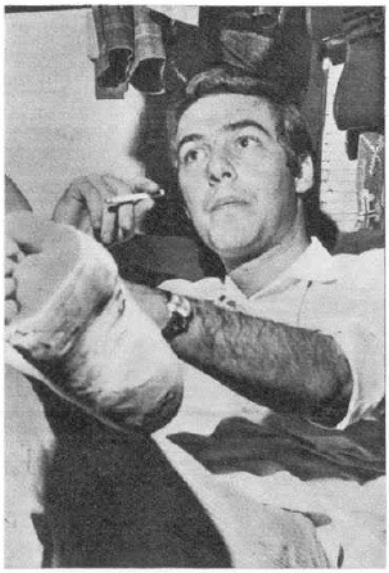
Quando falam de padres, Helder Câmara entra sempre na conversa. O padre Helder é para êles o *Bispo de Moscou*.

— Mas qualquer dia êle *cai do cavalo*.

Fico sem saber se isso é uma simples ameaça ou uma informação que deixa escapar sôbre algum plano secreto em marcha. O fato é que pouco tempo depois, d. Hélder teve sua casa metralhada.



Não errar o alvo é uma das vaidades que êles têm.



José Augusto, ator de *Roda Viva*, vítima do CCC.

Como no tempo de Hitler

Depois, Zélio me conta como surgiu o símbolo: a pirâmide foi escolhida por causa da estrutura da organização. Um chefe no tôpo, que comanda setores cada vez maiores, à medida que a pirâmide vai crescendo e aumentando suas bases de apoio. Nem me atrevo a perguntar quem é êste chefe, seria infantil.

Desta vez quem fala é Agenor, o *Perna Torta*.

— Nós estamos muito embaixo nessa pirâmide. Meu papel é pesquisar no noticiário dos jornais os novos objetivos para a ação organizada. Entrego todo o material ao amigo colocado imediatamente acima de mim na pirâmide, êle o entrega a outro, assim sucessivamente, até o trabalho chegar em mãos dos grupos executivos.

Achei aquilo muito complicado, mas Agenor argumentou que assim é melhor, livra-os da infiltração.

Os rapazes do CCC dão por encerrado o primeiro contato e não querem marcar outro para o dia seguinte, apesar da minha insistência.

— Só depois de amanhã. Antes não pode ser, porque amanhã é um dia quente.

Quando êles se retiram, eu apalpo no bôlso da jaqueta o caderninho de endereços de Zélio. Naquele momento, lembrei-me vagamente das implicações morais do furto. Mas a idéia de que o furto de um simples caderninho de endereços não constituiria pecado mortal apaziguou minha consciência. Afinal, era a única maneira de achar o caminho para os subterrâneos do CCC.

* * *

Daí para frente, foram três semanas e meia de trabalho. Longas esperas, encontros frustrados, desconfiança por tôda parte. A cervejaria, que fôra mencionada diversas vêzes pelo grupo, não me saía da cabeça. Levei três dias para localizá-la. Mas estava confirmado. Gente do CCC que eu já conhecia muito bem estava lá tôdas as noites. Um dia, num gesto de precipitação, abri o caderninho do Zélio e comecei a telefonar. Ninguém queria conversa comigo. Numa das últimas tentativas, prestes a desistir daquele trabalho que parecia sem sentido, fui surpreendido pela rapidez com que uma mensagem me foi transmitida por uma voz grave do outro lado da linha.

— Raul?

Não confirmei nem desmenti. Imediatamente, a voz prosseguiu:

— Hoje às 22.

E depois de uma pausa:

— *Barra limpa*.

Desliguei em seguida, sem saber o que fazer. Na verdade, eu nada entendera da mensagem. *Barra Limpa* é o nome do restaurante que pertenceu ao cantor Roberto Carlos, mas o nome poderia significar qualquer outra coisa.

Uma hora antes das 22, toquei para o restaurante *Barra Limpa*, ainda inseguro sôbre a única pista, descoberta por um golpe de sorte. Antes, resolvi dar uma passada pela cervejaria München. Não podia deixar de recordar que o terror de Hitler começou justamente numa cervejaria de Munique. Dezenas de *fuscas* roncavam na esquina. No meio de um grupo, reconheci Edgar e o *Perna-Torta*. Aproximei-me e fui dizendo:

— Barra Limpa?

— Ué! Você já está por dentro dessa também?

Confessei que não, mas, para não parecer indiscreto, não insisti e afastei-me, já com o plano de segui-los em mente.

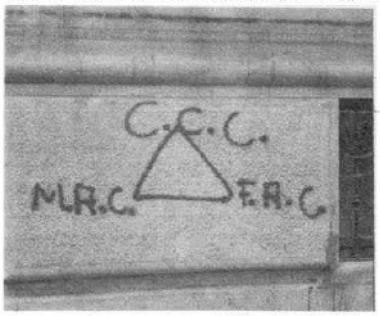
O *fusca* de Edgar liderava a caravana, que cruzou a cidade com um ruído de buzinas e aceleradas ensurdecedoras. Quando nos aproximamos do Morumbi, êles se tornaram menos ruidosos. Parei o carro, desconfiado. A caravana dobrou a esquina e o barulho típico dos motores indicava que tinham parado sem desligar. Saltei e resolvi percorrer o trajeto a pé. Demorei muito, porque caminhava cautelosamente. Percebi que os carros partiam, dando a volta no quarteirão imenso. Escondi-me e vi que tinham deixado os passageiros, Edgar, que levara quatro, vinha sòzinho, ao volante. Costumava chamar-me de *Amigão*. Se êle visse agora seu *Amigão*, ficaria muito decepcionado.

Não ousei aproximar-me da casa. A série de bravatas que já tinha ouvido bastavam para manter-me a distância de assuntos perigosos como uma reunião secreta do CCC.

* * *

Aos poucos, com o passar dos dias, eu ia recolhendo mais material. Eram nomes que escapavam nas conversas com o pequeno grupo em que eu era o *Amigão*, eram comentários sôbre a personalidade de cada, suas atividades quotidianas e sua atuação nos choques políticos. Consegui fazer um fichário com vários nomes e dados pessoais sôbre cada um.

CCC. MAC e FAC. Pirâmide: símbolo do terror.



ALGUNS NOMES DO TERROR

João Marcos Flaquer, por exemplo, reside na Rua Hadock Lôbo, trabalha na Senador Feijó. É advogado. Estêve no ataque à *Roda Viva*. Luta karatê. Pertence ao grupo do XI de Agôsto, mas participou do ataque à USP.

Estêvão Augusto dos Santos Pereira reside na Avenida Paulista. A violência é o traço principal de seu caráter, mas é dado a fazer poesias. Estêve no ataque à *Roda Viva*.

Lionel Zaclis reside na Rua Zèquinha de Abreu. É violento também, mas seus colegas o têm como covarde, porque apenas atua em grupo e se recusa a qualquer missão para executá-la sòzinho. Estêve no ataque à USP.

Francisco Antônio Fraga mora na Rua Marechal Barbacena. Bastante agressivo, chega à histeria.

Paulo F. Campos Salles de Toledo mora na Rua Joaquim Antunes. Muito resoluto. Impiedoso para com suas vítimas.

Dilermando Cicagna Jr. é da Rua Manacá. Êste só bate pelas costas. Foge ao corpo-a-corpo e se atemoriza à menor reação da vítima. Considerado elemento improdutivo.

Paulo Roberto Chaves de Lara reside na Rua Peixoto Gomede, num apartamento. É violento, julga-se também com veia poética e gosta de aparecer como orador. Estêve no ataque à *Roda Viva*.

Luís Correia Salles mora na Avenida Nove de Julho. Muito forte, é halterofilista. É considerado *muito burro* pela turma. Os companheiros acham que êle os acompanha só pela vaidade de pertencer ao CCC. Tem preparação militar: fêz o CPOR. Sobrinho de deputado, escuda-se nisso para "quebrar galhos" do grupo.

Araken Testa mora na Mato Grosso e trabalha na Paulo Egídio. Todos o acham covarde. Chegam a desconfiar de sua masculinidade, o que possivelmente é um meio de provocá-lo para que desempenhe melhor suas missões. Acompanha sempre o Flaquer. Estêve no ataque à *Roda Viva*. Os colegas duvidam até de sua honestidade, mas não explicam porquê.

Fernando Forte mora na Rua Traipu e trabalha na Florêncio de Abreu. Pouco se fala dêle, só que tem verdadeiros ataques de histeria quando em ação.

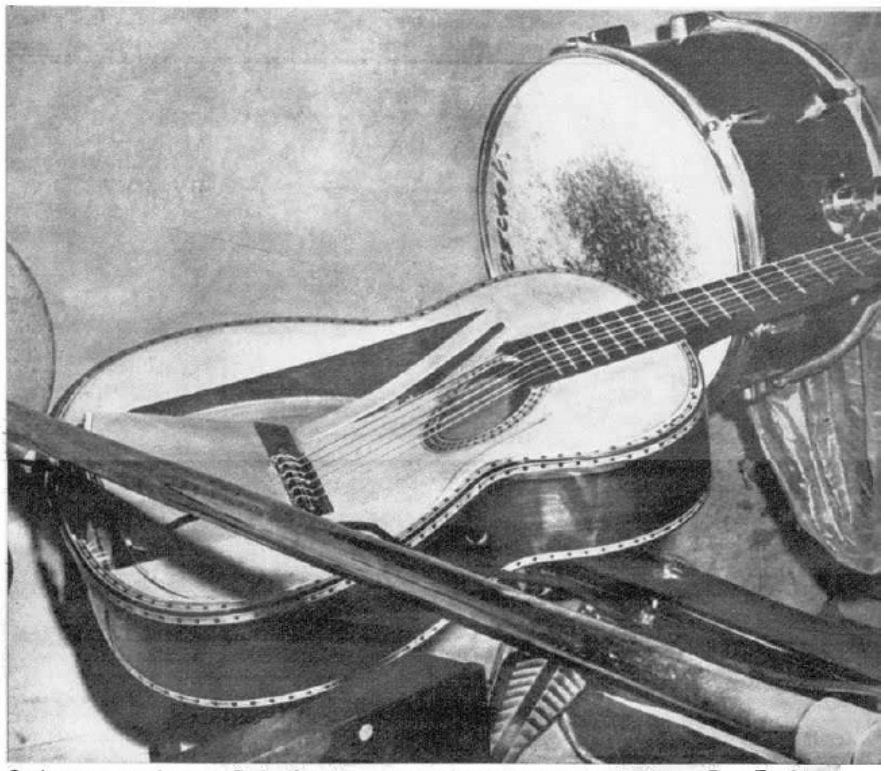
Percy Ed Heckmann é da Rua Goitacás. Só anda armado, põe violência em tudo o que faz. Os colegas o apelidaram de *Nazistão*. Quase tudo, êles tratam no aumentativo: *Nazistão, Amigão*. Exceções: *comunistinha, esquerdinha, vermelhinho*.

Paulo R. Ferreira Eugênio mora na Rua das Azáleas. Compete com Percy na conquista do apelido de *Nazistão*. Também só anda armado.

Sílvio Salvo Venosa mora na Rua Cristiano Viana. Não esquece a arma em casa e gosta de atirar até por motivos gratuitos no meio da rua. Pratica tiro ao alvo em anúncios luminosos. Todos são unânimes numa coisa: Sílvio é muito inteligente. Estêve no ataque ao espetáculo de Chico Buarque de Holanda.

Fernando Piza reside na Rua Camilo. Anda armado e até os companheiros o temem, pois o consideram um psicopata.

José Lamartine Sátiro mora na Rua Francisco Mesquita. Salienta-se por suas idéias fascistas. Sua arma é uma pistola 45.



Os instrumentos da peça *Roda Viva* foram quebrados pelos invasores do Teatro Rute Escobar.

Os que compõem o CCC de S. Paulo

Acácio Vaz de Lima Filho também anda armado. Sofre de crises nervosas e ataques histéricos de violência gratuita. É um psicopata, na opinião dos colegas que preferem afastá-lo de missões delicadas. Mora na Rua Jaceguai.

Paulo Flaquer mora na Rua Atibaia. É inteligentíssimo, possui muita presença de espírito e malícia. Vangloria-se de conhecer *tôdas as manhas dos comunistas*. Faz constantes advertências em ação e quase tudo o que prevê acontece realmente. Muito respeitado pelo CCC. Luta karatê e judô.

Francisco José Aguirre Menin estêve no ataque à *Roda Viva*. Mora na Rua Arthur Prado e trabalha na Felipe Oliveira. Foi êle quem comandou o ataque à USP.

Souvenir Assumpção Sobrinho está no 3.º ano de Direito, período diurno. Mora na Bela Cintra e estêve nos ataques à *Roda Viva* e à USP, no qual morreu baleado o ginasiano José Guimarães. Perigoso, anda sempre armado.

Bernardo MacDowell Krug intitula-se agente da Polícia Federal e anda armado. Estuda Direito e estêve no ataque à USP. Mora na Rua Chicago e trabalha num escritório da Rua Piauí.

Pedro José Liberal tem sua residência na Capitão Rabello, mas nunca está lá. É elemento muito ativo, violento e perverso. Dirigiu uma das alas do ataque à USP, de arma na mão. Não abandona o revólver nem pra dormir.

Boris Cazoy ou Kassoy estuda Direito. Locutor da Rádio Eldorado. Conclamou os alunos do Mackenzie a tomar à USP, de cuja invasão participou. Anda armado mas, segundo os co-

Os terroristas que só aceitam arte como prazer e violência como moral, deixaram seu conselho escrito no Teatro Municipal de S. Paulo.

legas, é incapaz de atirar em alguém. Mora na Rua Itapeva. Acham-no *mole* com os comunistas.

João Parisi Filho age com uma violência de espantar os colegas mais *duros*. Pinta os cabelos e por isso os colegas se referem a êle desairosamente. Sua pistola 45, entretanto, evita que isso lhe seja dito cara a cara. Todos sabem que êle toma psicotrópicos. "Para criar coragem?", perguntam-se os companheiros, sempre com a mesma suspeita de sua masculinidade. Essas suspeitas envolvem um tenente da Aeronáutica chamado Prado, que, segundo os rapazes, seria o "*favorito*" de Parisi.

José Antônio de Oliveira Machado participou do ataque à USP, anda armado, mas sua coragem não está no nível desejado para uma organização que não quer contemplação nenhuma com os *comunistas*. Mora na Rua Iracema.

Raul Nogueira Lima (conhecido por Raul *Careca*), mora na Rua Comendador Eugênio de Lima. Estuda Direito, anda sempre armado. Estêve no ataque ao espetáculo *Roda Viva* e à USP. A posição que escolheu para dirigir um dos grupos foi o telhado.

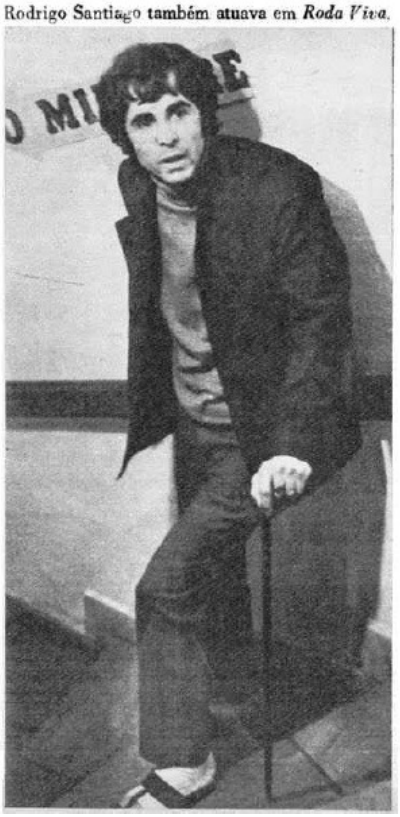
Henrique Meira Castro estuda Direito e participou de ambas as ações terroristas já mencionadas. Anda armado, mora na Rua Abílio Soares.

Estefan Buriti Suzian, o *Taturana*, estuda Direito. Participou dos ataques à peça *Roda Viva* e à USP. Mora na Rua Nazaré.

José Roberto Batochio estêve também no ataque à USP.

Raffi Kathlian estuda Economia e é um dos líderes do CCC no Mackenzie. Apareceu em plena ação em fotos feitas por uma fotógrafa japonêsa da *Fôlha da Tarde*. Essa profissional possivelmente será uma das próximas vítimas da ação do CCC. Raffi tem uma loja na Rua do Arouche (loja URFA), que vende *lingéries*. Nesse negócio é sócio de Menin.

Rodrigo Santiago também atuava em *Roda Viva*.



Chacon (não foi possível apurar seu nome completo) tem um bar na Rua Maria Antônia (Lanches Magu), onde usa as orelhas para manter-se informado das atividades dos estudantes. Não toma parte nos conflitos e age apenas como informante.

Flávio Caviglia estuda Economia. Participou das operações *Roda Viva* e USP.

Henri Penchas estuda Engenharia e destacou-se por sua agressividade no ataque à *Roda Viva*. Na operação contra a USP sua atuação não foi das mais apagadas.

Outros elementos que participaram do ataque à *Roda Viva*: Augusto Florestan, Cláudio Leite, Dilermando Agágua (repórter), Douglas (que estuda Sociologia e mora em Santana), Mário Verangieri, Nelson Manganelo, Luís Antônio Sacari, Mário Boito, Antônio Succar Filho (conhecido por *Succar do Basquete*), José Augusto Bauer e Newton Camargo Rosa.

Por fim, quatro alunos ou ex-alunos de Direito do Largo de São Francisco, que tomaram parte no massacre aos artistas de *Roda Viva*: Cássio Scatena, conhecido por Blanco; Cícero A. J. Gubeissi (mora na Benjamin Constant de onde só sai armado); Jean Koudalla (faz-se passar por marxista), e Roberto Ulhoa Cintra, um dos melhores atiradores do bando. Êste se orgulha de nunca haver errado um tiro.